

Sua Venerabilidade Ley - 88 - Coimbra

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO

INFLUÊNCIA

DO

«LAURUS CINNAMOMUM»

NA

HARMONIA DOS SEXOS

Conferência realizada em 17 de Janeiro de 1925 na Associação dos Médicos do Centro de Portugal.



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1925

Do m. ^{ma} Puzado Calyca
Santo Fernando Namalbo

apetito humano

ca

Financas e Alvarios

INFLUÊNCIA
DO
«LAURUS CINNAMOMUM»
NA
HARMONIA DOS SEXOS

INFLUENCIA

Separata de «O Instituto», vol. 72.º, n.º 3

FAKNOVA BOB SEZOS

FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO

INFLUÊNCIA

DO

«LAURUS CINNAMOMUM»

NA

HARMONIA DOS SEXOS

*Conferência realizada em 17 de
Janeiro de 1925 na Associação dos
Médicos do Centro de Portugal.*



PC
HNCT
61
RIB

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1925

«Deus manda no Céu;
Na terra manda a mulher».

(Provérbio árabe).

«Busca mulher de juízo,
Que é onde está o segrêdo
De tornar êste degrêdo
Um paraíso!»

«Antes sôzinho sentado,
Ao canto do teu eirado,
Que em casa ouvindo a miúdo
Mulher que implica com tudo!»

*(Idéas de Salomão, filho de
David, colhidas na Bíblia e bu-
riladas no verso por João de
Deus).*

AVÈ, DOMINA!

DEDICATÓRIA

A EVA!

A ti, primeira mulher, que mostraste que sempre a débil Graça tem de triunfar da Fôrça rude, que o calor do Sentimento sempre há-de vencer a frieza da Razão;

A ti, Eva; a ti, Senhora!

Permite que te ofereça e te dedique, permite que te consagre a intenção dos meus dizeres. Digna-te sentir que essa intenção é de acatamento, de deferência respeitosa!

Deixa, ó fundadora do Reino das mulheres! deixa que eu personifique em ti as filhas tuas, que continuam, depois de ti, a dominar no Mundo!

Que eu, em ti, saúde tôdas as mulheres!

Que a depositária da vontade de Deus na terra, que a Mulher, eu, em ti, saúde!

Mulher! nossa bem nascida segurança, nossa alma gentil, nosso pôrto de remansoso abrigo em dia de tormenta!...

Mulher, que nos dás a vida e proteges com o teu amor de Mãe, nos acompanhas e confortas com o teu amor de Espôsa, e nos cerras um dia os olhos com leves mãos piedosas e filial amor,

Reina, Mulher!

Com a tua graça, a tua doçura, a tua constancia, a tua abnegação, a tua grandeza de alma, reina Mulher, governa o Mundo!

Que o homem jámais se peje de confessar-se vassalo teu; que êle se honre em dedicar a vida para servir-te, Senhora!

Éva, Mulher, eterna dominadora, Rainha do Mundo,

Salve!

INFLUÊNCIA DO «LAURUS CINNAMOMUM» NA HARMONIA DOS SEXOS

MEUS SENHORES E PREZADOS COLEGAS :

O que vou dizer subordinava-se, na intenção inicial, a um título inteiramente em vernáculo, pois que, nêle, o nome da canela aromática aparecia simples e sem uma designação que pode parecer pretenciosa. Mas confesso que me salteou o receio de que o vocábulo se prestasse a confusão no seu significado, com referência eventual a uma parte anatômica.

Lembrei-me de remediar, então, com o uso do latim, que no rótulo não se me afigurou inoportuno, pois que não só êle, aí, não perde as suas qualidades de *base*, que muito bem lhe atribuiu um meu respeitável amigo, do conhecimento de todos nós, como ainda confere nobreza, realce, beleza até, ao dizer sintético que resume o assunto.

Eis, meus Senhores, a razão pela qual eu declarei que ia falar da «Influência do *Laurus Cinnamomum* na harmonia dos sexos»!

*

* *

Se, em vez de uma modesta palestra que só a benevolência dos meus ouvintes poderá condecorar com o grau de conferência, eu produzisse obra impressa sôbre o ponto, inscreveria no rosto do volume, em ar de condensação

dos seus conceitos filosóficos, os três seguintes provérbios:

«Deus manda no céu;
Na terra, manda a mulher».

(Provérbio árabe)

«Busca mulher de juízo,
Que é onde está o segrêdo
De tornar êste degrêdo
Um paraíso!»

e

«Antes sôzinho sentado,
Ao canto do teu eirado,
Que em casa ouvindo a miúdo
Mulher que implica com tudo!»

(Ideas de Salomão, filho de David, colhidas na Bíblia
e buriladas no verso por João de Deus).

Mas, porque, destas verdades basilares e eternas, a primeira anda votada ao esquecimento pela vaidade do homem e as últimas não estão suficientemente presentes na memória dêle, eu não posso deixar de comentar um pouco êsses dizeres, que a sabedoria das nações proferiu há tantos séculos.

Mal parecerá, talvez, que o comentário venha com a minha desautorizada voz. Requerer-se-ia para o efeito, eu sei, quando não «um som alto e sublimado, um estilo grandiloquo e corrente», como aquele que o nosso épico ambicionava e conseguia, ao menos voz melhor e palavra menos apagada do que as de um homem sem pretensão e sem arte e de tão reduzida sciência.

Mas, quando para mais não sirva, a tentativa modesta que faço, com a simplicidade própria de criatura simples, poderá servir para animar maiores competências a esclarecer o assunto e a ventilá-lo na forma enfática que muito merece a sua transcendência.

Modesto, pois, repito, mas resoluto, eu acometo o pro-

blema «Influência da canela na harmonia dos sexos» pelas suas bases filosóficas.

MEUS SENHORES!

Um dos presentes ensinou-me um dia o que talvez todos V. Ex.^{as} então soubessem já, mas eu ignorava ainda: Que os homens no seu comércio com as mulheres são classificáveis em três categorias — «Varões, varelas e varuncas». E desenvolvia:

«Varão — manda êle, e ela não.»

«Varela — manda êle e manda ela.

«Varunca — manda ela, e êle nunca.»

Ouvi; pareceu-me boa a doutrina; e regosijei-me com a forma.

Mas, a breve trecho, entrando de pensar maduramente, cheguei a concluir que aquella fórmula feita pelas homens, se contém uma verdade, contém também uma vaidade!

«Varunca — manda ela, e êle nunca!» Eis a verdade completa, crua e triunfante!

«Varela — manda êle, e manda ela!» Verdade ainda no final; mas, no início, vaidade, e não pequena!

«Varão — manda êle, e ela não!» Nada tem isto porém, já, de verdade; é só vaidade, tudo vaidade, *omnia vanitas!*

«Varão!»...

Como se a varonilidade pudesse defender-te, ó Homem! da supremacia da mulher!

Como a vaidade te cega, ó, entre todos, o mais ingénuo e mais vaidoso ser da Criação! que tanto te esqueces de que a Mulher retém a direcção do Mundo!

Que vaidade tão grande a tua, ó filho de Adão! que não recordas a fraqueza de teu respeitável Pai, subjugado a Eva a ponto de acatar-lhe as ordens, contra aquelas próprias que recebera do Deus que do barro vil o retirara!

Que vaidade a tua, «Varão», forte Varão! que não atendes à verdade eterna das fábulas antigas, ao exemplo de Hércules e ao de Sansão, mais varões do que tu, e mais esforçados, e mais fortes!

Vir pilosus, aut fortis, aut libidinosus! dizia o latino... Mas o hirsuto Sansão possuía não só uma, mas as duas qualidades: — era libidinoso e era forte!

Forte, muito forte êle era!

Apesar disso: «Sansão, aí vêm os filisteus!...» E, sacudido para longe do seio falso de Dalila, caídos aos pés desta os seus cabelos fartos, que lhe resta agora, ao herói, ao *vir pilosus*, ao varão libidinoso e forte?!

Resta morrer!

Morrer, matando, num último feito, e arruinando o templo!

Morrer, assim, para castigo de ter deixado quebrar as fortes fôrças, no tépido regaço da cavilosa amiga!

Matar, morrendo, para que a sua forte memória fique liberta dum ridículo eterno, como o da do seu colega Hércules, fiando roca, caído aos pés de Onfale, submisso e fraco!

Ridículo eterno?! Emendo, retiro a expressão! E retiro-a arrependido e convicto de que ninguém tem o direito, nem jámais o teve ou o terá, de invectivar com ela a lembrança dos falecidos heróis!...

Quem de entre os nossos coevos se atreveria a fazê-lo?...

Tomemos para exemplo a raça tida por mais voluntária e pertinaz e as profissões mais próprias da masculinidade animal. Consideremos os milhões dos trabalhistas britânicos!...

O que vale qualquer de entre êles, o que vale, mesmo, Mrs. Mac Donald, seu Chefe, perante Hércules — o primeiro trabalhista dos tempos?!

Terá algum dêsses rudes e tenazes britões a pretensão

de ser mais varão do que Hércules ou do que o foi Sansão?

Teremos nós essa pretensão estulta?!

Respeitemos, pois, a memória dos conceituados Varões, sem nos permitir chamar fraquezas a actos de quem, a seu favôr, ainda tinha o que a nós falta: a protecção divina, a predestinação para grandes cometimentos! E atendamos a que, se falamos em fraquezas, bem maiores seriam as nossas, do que as dêles foram, se nos encontrássemos em idênticos apuros!

Homem! Varão, *forte* varão!... Fraco varão, que a mais fraca mulher dobra, torce, quebra e despedaça!...

O que nós chamamos, com pretenciosa vaidade, a nossa fôrça é fraqueza, perante o que chamamos fraqueza na mulher. Assim, imitando e alterando um pouco o sentido às palavras do Poeta, direi eu:

«A fraca mulher faz fraca a forte gente»

pois que na própria fraqueza da mulher está o segredo de tôda a sua fôrça!

Mas, se nada vale a varonilidade da Fôrça, valerá mais a varonilidade da Inteligência ou a da Sabedoria?

Não vale. Ai, não vale, não!...

A Salomão, disse o Senhor:

«Eis pois te fiz o que me pediste, e te dei um coração tão cheio de sabedoria e de inteligência, que nenhum antes de ti te foi semelhante nem se levantará tal depois de ti!»

E, mais ainda, o Senhor lhe deu riquezas e glória como até então ninguém tivera, com a ordem de se não afastar dos seus caminhos e de guardar os seus preceitos!...

E que fez Salomão, o Sábio; Salomão, o Poderoso; Salomão, o Magnífico?!

Deixou que as mulheres pervertessem o seu coração, abandonou o culto do Deus que o fizera Magnífico e Poderoso e Sábio, e deu culto a Astarte, deusa dos Sidónios, a Moloch, ídolo dos Amonitas, a Camos, deus dos Moabitás; e o mesmo fez êle por tôdas as suas mulheres estrangeiras; que eram muitas e de diversas terras, e queimavam incenso e sacrificavam aos deuses dos países donde vinham!...

Eis como procedeu o varão mais sábio de tôdas as idades, descuidoso das proibições expressas do Senhor seu Deus, preferindo ver descair, severa contra êle, a divina face, a deixar de ver contente e propícia qualquer uma das muitas faces femininas do seu numeroso harém! E procedeu êle assim sendo já velho, quando a neve do viver deveria ter arrefecido nêle o fogo das paixões, quando nêle o saber de experiências feito deveria ter já acrescido largamente ao saber que obtivera como divino dom!...

Fôrça! Talento! Sabedoria! Experiência da Vida! O próprio Temor de Deus, até!... Perante e contra a Vontade da Mulher ou o seu Desejo, tudo isso é pouco; tudo isso é nada; tudo isso é vão!

Como o duro e frio gêlo se liquefaz e evapora, sob a acção ardente dos raios que do sol emanam, assim do homem a dura fôrça e a sua razão fria se apagam e conturbam, se desfazem e se evolum, sob o calor sentimental e a graça de um feminino olhar!...

Homem, Varão! Ó *Forte*, ó *Sábio*!... Ó Homem, ó eterno escravo! Para que dizes, e porquê, que és tu a dominar?!

E não hei-de eu, Senhores, dizer bem alto, não hei-de eu clamar que isto é vaidade?!

Esta esqueceu-a o Eclesiastes, filho de David, rei de Jerusalém! Mas é vaidade; é, também, vaidade, sim! É mesmo a vaidade das vaidades, *vanitas vanitatum*! de tôdas as vaidades, a suprema; de tôdas, a Maior Vaidade!

*

* *

Não é de hoje! Não é de ontem! Foi de sempre e de sempre o há-de ser! De sempre, esta verdade, que os homens, em Lisboa, recentemente aplaudiam, com condescendência, apenas para lisongear uma mulher formosa e de bonita voz:

«En manos de una mujer,
Los hombres muñecos son!»

Que... que eu não sei se estou a ser impertinente?!...

E, não vá acontecer que o esteja sendo, apresso-me a abrir as excepções que V. Ex.^{as} entenderem mister!

Mas, exceptuados, como manda a pragmática, todos os presentes que nisso façam empenho, onde irei buscar mais excepções?

Talvez ao pálido Dom João, aos Tenórios de todos os tempos, que a presunção própria e a dos outros homens tem gratificado com o título de conquistadores de mulheres? Mas... fracos conquistadores, sempre conquistados, servos eternos, ainda que inconstantes, depressa fugitivos, mas, mais depressa, de novo logo presos, só na morte encontrando a própria liberdade!

Ao feroz castelão francês, ao Barba Azul da lenda? Ao Henrique de Inglaterra, o Barba Azul coroado? Ao calvo Landru de nossos dias, émulo daqueles na concupiscência e na chacina? Mas, êles também, que foram, afinal?

Espartacos em revolta, míseros escravos, a quebrar cadeias para logo estenderem os pulsos a grilhões mais fortes, consigo arrastando na efémera liberdade, e mais pesada ainda do que as algemas deixadas, a nostalgia da própria servidão!

Nem êsses exemplos, pois, conseguem trazer excepção, mas só confirmação à regra!

Abandonadores, matadores de mulheres? Embora! Mas os mais dependentes e os mais escravos da Mulher!

E, por o instinto feminino tal saber, Landru, em tempos de hoje, foi popular e foi querido entre as mulheres, que o não teriam condenado, se o tribunal por elas fôsse feito!

Tenhamos presente, pois, o princípio de Pascal! (Não me refiro ao da transmissão das pressões hidrostáticas; mas ao que diz respeito às dimensões do nariz de Cleópatra...)

E assentemos em que é dos pequenos nada do eterno feminino que depende a sorte do Mundo; e em que, com a direcção dêste, nas suas mãos, só aparentemente débeis, mantém a Mulher o govêrno do seu parceiro másculo!

De onde veio, então, de onde se originou a crença do Homem na sua supremacia suposta? Que base ou aparência de base lhe serviu para alicerce dêsse grande edificio, dessa fábrica colossal, dessa pirâmide do Egito da sua vaidade imensa?!

Tudo leva a crer que foi nos livros santos, na Bíblia e no Corão, nos *Livros por excelência*, que o Homem se fundamentou para alegar uma primazia, ai dêle! bem illusória e bem falaz!...

«Estarás sob o poder de teu marido e êle te dominará!» teria dito o bíblico Jeová à Mulher...

«Eu pus a Mulher sob o domínio do Homem!» teria dito o mesmo Deus Único, Alà, do Alcorão...

Poderíamos perguntar até que ponto a vaidade do Homem terá, porventura, falsificado a palavra divina! Mas baste-nos constatar que, se a palavra divina foi aquela, nunca ela foi acatada; e que a mesma contra quem foram desferidas tais ordens, Eva, foi a primeira a mostrar exuberantemente que

os próprios decretos seus haviam de prevalecer, no ânimo do Homem, aos decretos da Providência!

Quando as leis divinas não são, pois, observadas, como se pode esperar que o sejam aquelas em que o Homem se entretenha a proclamar uma imaginária supremacia sua?! «Os homens fazem as leis, mas as mulheres fazem os costumes», como muito bem disse de Segúr...

O mais que as leis divinas e as humanas conseguiram foi que ao Homem ficasse a supremacia honorária, de direito; pois à Mulher ficou a supremacia, mais positiva e utilitária, de facto!

E, assim, foram passando os séculos; e também os milénários: A Mulher contente com o ter nas suas mãos a direcção efectiva e real do Mundo e do Homem; e êste contente («ó glória de mandar, ó vã cubiça!»), por a soberba lhe segredar que era êle o Rei da Criação! *Quod volumus, facile credimus!*...

Mas, até contra essa aparência de mando, a Mulher tende hoje a reagir, sacudindo de si todos os simbolos de uma suposta sujeição! Não só afirmando o seu domínio em canções irónicas de cançonetistas formosas, mas pronunciando-se nos próprios actos solenes em que o Homem se habituara a tomar a precedência em honrarias!

Pois não disseram, há pouco, os jornais, do movimento das mulheres da velha Inglaterra, recusando, no acto do Matrimónio, o compromisso de obediência ao marido, rompendo, assim, ostensivamente, contra as ordens da divindade?

E quem isto leu, em qualquer jornal, o que pensou, e qual comentário foi o das gazetas?

Pensou-se e disse-se, sem grande convicção, contudo, e antes em ar de riso, que havia o perigo de se caminhar para o Reino da Igualdade, para o Reino dos Homens e das Mulheres, para o Reino das Mulheres porventura, até! Como

se algum outro Reino, que não o das Mulheres, jámais tivesse existido!...

Quando, afinal, só mostra a recusa das valerosas filhas de Albion a resolução de um domínio feminino executado com mais franqueza, menos complacente com a ilusão da nossa ilimitada vaidade!

Reino das Mulheres, Reino das Mulheres!... Não é título para opereta, para peça burlesca! Reino das Mulheres, sim, em verdade! No passado, no presente, no futuro, Reino das Mulheres!...

Vai sendo tempo de o Homem reconhecer e confessar humildemente que, no Reino da Criação, não é êle quem governa, e que só pode fingir que é Rei dêsse Reino por desempenhar, nêle, as funções, ai! bem secundárias, de príncipe consorte!...

*

* *

O homem põe; a mulher dispõe!

Apontado o facto, conviria apontar as causas e os processos do domínio da mulher! Que traças usa ela? que meios tem ao seu alcance, que não o da fôrça bruta, no homem revelada como não sendo, afinal, senão fraqueza?

O problema, decerto, já terá preocupado o espírito de homens profundos; mas não sei que algum o tenha resolvido!

Há tempos, numa sala de modista de chapéus, onde me levava um dever de estado, ouvia-se passar na rua um pregão que, à dona da casa, fez dizer, com o desdém levemente enjoado que constitui um dos característicos, não destituídos de encanto, do falar das mulheres de Coimbra: «Já aborrece!...»

Informei-me do apregoado; e tive como resposta que eram «livros amorosos!»

Pareceu-me coisa estranha. Apurei o ouvido e percebi que, em baixo, se dizia: «Reportórios novos... A mais completa e verdadeira malícia e maldade das mulheres...».

E, como eu fôsse repetindo estas palavras, a modista, mais desdenhosa e mais enjoada, continuou a acompanhar o resto do pregão: «... a maneira porque elas enganam os homens...», repetindo também: «já aborrece!» ao tempo que o pregão concluía: «... e a bondade dos homens para com elas».

Então, como algumas damas presentes abundassem, pelo gesto, no aborrecimento daquela que falara, eu avancei que «de maldade e malícia de mulheres não deveria dizer-se no pregão, pois não eram de encontrar defeitos tais em quem a Natureza, pródiga, só de graças cumulara».

Mas, mal eu recolhera o efeito do pequeno madrigal com que acalmara os ânimos das damas, que, de agradecidas, me sorriram lêdas, logo eu senti o remorso que me ficava duma afirmação não convicta!

Quão longe, com efeito, eu me encontrava do digno exemplo do heróico Epaminondas, do virtuoso tebano *adeo veritatis diligens ut ne joco quidem mentiretur*, tão amigo da verdade que nem brincando mentia! Quão longe, mesmo, do protagonista da «Relíquia», convertido ao culto intransigente da Verdade! Quão longe me encontrava dêles, eu que deixara que a peçonha de lisonjeira mentira me enlaquescesse o lábio!...

Em procura de justificação, reli uma opinião de pensador anónimo, inscrita numa tirinha de papel que nessa manhã encontrara ao desembulhar um rebuçado. Dizia assim o papelinho: «Com mulheres, não há homem franco que não tivesse sido mentiroso...».

Mas pouco confôrto em verdade recolhi, porque logo também se lia: «... homem sábio que não fôsse louco e homem esperto que não fôsse logrado!»

E, assim, desanimei definitivamente, vendo que nem mesmo a lisonja pode servir de defeza ao homem contra os manejos femininos, dos quais sempre êle tem de ser, afinal, vítima imbele!

Mal andara eu, pois, em fingir opinião não sentida; eu que, ao ouvir o pregão, imediatamente pensara ser aquela a obra que me conviria ler, e resolvera aproveitar o primeiro ensejo para adquirir o expositor!

No dia seguinte, na Rua do Visconde da Luz, vi e ouvi o vendedor com o seu tentador pregão! A um sinal, veio êle ao meu encontro. Mas duas costureiras que passavam mostravam uma ironia nos seus dentes brancos; e um cavalheiro bem servido de nariz olhava-me sarcástico!...

Acobardei-me, acometido pela lembrança de que já o antigo considerava o nariz avultado como insígnia do trocista: «*Nasute! Ó narigudo!*» dizia o poeta, dirigindo-se ao crítico influente e mordaz!...

Volvi, a olhar a architectura portuguesa antiga duma sapataria nova, e fingi espanto ao ver ao pé de mim o portador da obra desejada!

Quando considerei que convinha ter a coragem das minhas convicções, se já iam longe o nariz e o riso dos críticos, também já na distância se perdiam, amortecidas, as últimas palavras do pregão: «... e a bondade dos homens para com elas...».

Ora eu, que me lembrara da lição da antigüidade clássica, porque não atendi a que ela ensinava também que a ocasião é calva, apenas com um tufo de cabelo na vizinhança da frente, e que mal vai a quem, por aí, a não colhe, uma vez que lhe passa ao alcance?!

Ocasião perdida foi aquela: nunca mais a ocasião voltou!

Aqueles que por mim foram perguntados acêrca do homem e da obra não me deram noticia útil; e ainda me olhavam

com estranhêza e sem perceber a razão do meu empenho! Apenas um, aqui o nosso Presidente (honra lhe seja, que não é um espírito superficial e vão!) se não admirou, compreendendo lúcidamente de quão grande utilidade poderia ser uma leitura do livro!

Também êle, confidenciou-me, num dia em que estava para embarcar para França, a tomar parte na grande contenda em que então se empenhava o Mundo, ouvira apregoar no Terreiro do Paço: «O que todos devem saber antes de partir para a Guerra»!

O Dr. Pessoa não queria, na ocasião, saber senão aquilo que lhe dizia a sua coragem; e, intrèpidamente, partiu, sem querer saber de mais nada!

Mas, uma vez cumprido êsse dever, não deixou de lhe assediar o espírito, de amigo da sciência, a preocupação de quais seriam os conhecimentos que, a vintém, se apregoavam como devendo ser os de todos que partiam para o combate.

Ocasião perdida; ocasião que não mais voltou, porém! E, ainda hoje, o nosso digno e estimável Presidente da Direcção está na ignorância do que lhe conviria ter sabido!...

Medindo, pois, pelo seu, o meu pesar, bem se compreende que êle tomasse interêsse pelo meu desejo. Sugeriu-me, mesmo, que, talvez, num quiosque da Baixa, onde se vendem as histórias verídicas de João de Calais, da Princesa Magalona, do Bertoldo ilustre, e outras obras de fundo, eu poderia encontrar aquela que procurava. Mas a deligência feita nesse sentido foi também infructifera; e a dona do estabelecimento, que manifestamente pertence à categoria daquelas pessoas de quem se diz que não percebem a luz sem a torcida, acompanhou a negativa de um sorriso escarninho. Por isso, de ânimo azêdo, resolvi, logo ali, acabar com as emprehendidas pesquisas!

E aqui venho inabilitado para apresentar a V. Ex.^{as} as razões do facto. Mas a realidade dêste não deixa, por isso,

de se impor sobrejamente, e repetirei, portanto, o arábico provérbio :

«Deus manda no céu ;
Na terra, manda a mulher» !

*

* *

A dominação da mulher é, ostensiva ou dissimuladamente, mas essencialmente despótica.

A tirania é govêrno que pode ser o melhor ou o pior dos governos, o que mais contribua para a felicidade dos povos, ou o que mais lhes fomenta a ruína, conforme a excelência ou os defeitos do tirano.

Assim, pois, é o govêrno da mulher. E, entregue o destino do homem em femininas mãos, depende a ventura dêle do acêrto da direcção.

A mulher sensata e não litigiosa é, para o homem, uma bênção dos deuses: faz-lhe prosperar a fazenda e a saúde. E o homem segue feliz, e tanto mais feliz na sua vaidade quanto, quási sempre, não percebe que perdeu a independência desde o dia em que tendo exclamado «*Vae soli*, ai dos sòzinhos!» resolveu aceitar contrato, aparentemente, de união apenas, mas, realmente, de sujeição sua também!

«Busca mulher de juízo,
Que é onde está o segrêdo
De fazer dêste degrêdo
Um paraíso» !

Eis, em verdade, conselho digno dos lábios de Salomão, o Sapiente!

Nem sempre, longe disso, na loteria do casamento pode sair a sorte grande, da mulher que preconizava Salomão. Mas, mesmo com mais moderada boa sorte, com mulheres

menos bem dotadas, pode singrar com vento favorável a nau do matrimónio, se dentro conduz homens prudentes...

Uns porque embarcaram, em tal nau, cheios de conformidade e filosofia, pensando, como o nobre Conde de Vimioso, que «quem se casa é como quem vai à guerra; vai exposto a quanto vier!»! Outros porque, tendo presente o dizer do sábio Afonso, rei de Aragão, de que «para que dois casados sejam felizes, convém que a mulher se faça cega e o homem mudo» se remetem, em caso de dissonância, a guardar de Conrado o prudente silêncio! Outros, ainda, porque, plenos de indulgência, se prestam a transigir para tentar a reconciliação, grata a Deus, como judiciosamente manda Alá, lembrando que, se as mulheres são muitas vezes irascíveis e caprichosas, isso provém da sua natureza adoentada!

Na verdade, como disse Hipócrates, a vida da mulher é uma longa doença! E, quando outras razões não houvesse para justificar êste acêrto do grande velho de Cós, bastaria, durante uma fase longa da existência feminina, a sucessão das crises mensais, que perturbam, à mulher, tão gravemente, a saúde do corpo e do espírito, e, ao homem, o sossêgo.

A mulher, «criança doente», não é já de si, naturalmente, escrava da lógica; e, «doze vezes impura», encontra nas suas épocas catameniais condições turbantes que, eventualmente, atingem proporções capazes de tornar o comércio das mulheres de melhor senso habitual coisa tão áspera como o de aquelas que são, já de feição e constitucionalmente, difíceis e litigiosas!

Quando ditados por uma fantasia ilógica e inconstante, como hão-de os decretos femininos ser cumpridos, tão inteiramente como nêles se contém, pelo homem, um ser que, ao invés da mulher, tem a preocupação, constante e obsessiva, de atender ao desenvolvimento lógico das ideas e dos factos?!

É, então, que, muitas vezes, o homem prudente e bem aconselhado precisa de chamar tôdas as suas reservas de paciência. E, apesar disso, não deixará de pensar na justeza do conceito de Salomão, tão elegantemente versegado pelo nosso João de Deus :

«É melhor uma goteira,
A pingar a noite inteira
De inverno, em cima da gente,
Que um dia de moedeira
A ouvir a companheira
Ralhando continuamente.» !

Mas tudo tem limites! A situação pode tornar-se tormentosa, em casos de épocas mensais mais intensamente perturbadoras! E ou não têm satisfação as fantasias femininas, e o conflito abre-se, com tôdas as suas graves conseqüências, ficando, sempre, o homem mal parado; ou êste se conforma, transigindo, e aí o temos infeliz como as pedras, por ter de deixar postergar, sem maior protesto e com aparente assentimento seu, todos os princípios da lógica e da razão que o norteiam! Em qualquer caso, fica o homem com o seu sossêgo perdido, sem conseguir, mesmo, que a mulher fique satisfeita e amena, sem que a sua própria transigência o livre dos novos tormentos que à sua dona acuda infligir-lhe enquanto a crise não passe!

E é em casos tais que o homem, que antes se queria só do que mal acompanhado, lamenta amargamente ter casado; e que, nêle, germina a idea da deserção do lar, periòdicamente inóspito, ou a da perpetração de graves cometimentos!

«Antes sòzinho sentado,
Ao canto do teu eirado,
Que em casa ouvindo a miúdo
Mulher que implica com tudo!»

A dismenorreia, a dor mensal, tem sido, não tenho dúvida, e há-de ser, muito em causa em actos dos mais funestos!

Quantos homens benignos e prudentes, com efeito, não terão recorrido, exaustos de paciência, a um oportuno divórcio, ou não terão tido de fugir, para longes terras, a esperar que o Doutor Tempo (grande médico de sempre), trouxesse têrmo à repetida superveniência de épocas de tamanha tribulação?!

E, mesmo, quantos, quantos crimes de adultério e até de morte, quantos suicídios, não terá ela, a dismenorreia, causado, pela repercussão dos seus efeitos em homens levados ao desvario!?

Por isso, eu, applicando palavras do Poeta, invectivo a dismenorreia nefasta:

«Dura inquietação d'alma e da vida,
 Fonte de desamparo e adultérios,
 Sagaz consumidora conhecida,

 A que novos desastres determinas
 De levar êstes reinos e esta gente,
 Que perigos que mortes lhe destinas!»

Por isso, também, tudo o que sirva para combater êsse flagelo do género humano, tão de recear, por si e pelas consequências que produz ou favorece, será digno da gratidão dos Povos!

E, com esta afirmativa, deixo preparado o terreno para o panegírico da canela, para a apologia do cinamomo de Ceilão!

*
 * *

Há quinze anos, a canela foi para mim uma revelação!

Era num serão familiar, em que eu acompanhava minha avó materna. Olhava eu, interessado, o velho rosto, querido e venerado, atento ao seu trabalho.

Uma criada entrou; falou baixo a minha avó, e saiu com uma ordem que eu ouvi assim: «Trazes uma chávena, uma colher de chá e a lata da canela».

Preguntei o que havia. Era uma criada que estava com violenta cólica.

Entendi dizer de minha sciência. Preconizei remédios!

Minha avó, benevolente, alçou os óculos à frente, olhou-me e ouviu.

Mas, acentuando, as suas lindas rugas, na nonagenária face, com um sorriso de suave e leve, ó! muito leve ironia, nos lábios e no olhar serêno, disse só:

«Não vale a pena, filho; com o chazinho de canela, passa já...»

Voltava a serva; e, logo, saía de novo — na chavena com uma colher de canela, e, no ouvido, com a recomendação de ajuntar açúcar, encher com água bem fervente, mexer, e dizer à doente que bebesse o líquido e a canela em suspensão.

Preguntei, então, que espécie de dôr era aquela que um infuso de canela jugulava? Era uma cólica menstrual!

Obtemperei que não via na canela faculdades justificativas do afirmado efeito! Foi-me dito, com simplicidade, que êsse efeito, contudo, era constante e era seguro!

Passados minutos, a cozinheira vinha fazer o rol das compras e informava que a rapariga, incomodada há pouco, voltara às suas occupaões, já bem disposta.

E eu pasmava!...

E, mais uma vez, só com minha avó, autorizado pela qualidade de médico, que já era, animei-me a pedir maiores informes.

«Com que então, o chazinho de canela»!... comecei eu, em forma avulsa.

E as explicações vieram. Era remédio de origem ignorada, sob o ponto de vista de preconização por autoridade de médico; mas muito antigo na tradição na parte feminina da família, pois já era conhecido da avó de minha avó, minha trisavó, portanto!

Passei, ulteriormente, a fazer um inquérito discreto, junto de damas da família, que, pela sua idade, experiência e condição, melhor poderiam acabar de elucidar-me. Assim, vim a saber que experimentado, não só e nem tanto em pessoas de família, como em grande cópia de servas e pessoas conhecidas, sempre o chá de canela, das antepassadas, dera resultados prontos e eficazes no tratamento do sintoma dor das dismenorreias rebeldes.

Lembrando-me de que, quando melhor virtude não tivesse, teria a receita a de obedecer ao preceito de *primum non nocere*, entrei de recomendar o seu emprêgo. E os resultados excederam a minha scéptica expectativa! A dor era jugulada; e o estado de espírito, por ela perturbado, restabelecia-se, logo, bonançoso e sereno!

E, pouco a pouco, entrei a ter em grande conta a fórmula hereditária. Apreciei a alta utilidade dela para o bem estar das mulheres e, reflexamente, para o sossego dos homens. E um ou outro caso mais impressionante serviu para me levar à crença de que me assistia o dever de pugnar pela vulgarização da vantagem do processo!

Eis porque me apresento perante vós, senhores! a elogiar a canela, com o entusiasmo e a convicção de um apóstolo!

*

* *

Não tenho coligido em forma regular as múltiplas, numerosas, observações relativas à vitória da canela. De quasi tôdas, apenas fiquei retendo a constante eficácia do remédio.

Uma referência, contudo, farei a dois casos em que o combate à dismenorreia das mulheres curou também grave estado dos homens.

*

Homem robusto, na fôrça da vida, sem aparência de lesões. Apesar disso, apresentava-se com períodos de depressão, de abatimento moral, desânimo. Então, falava em morrer, em emigrar para o Brasil ou para outras terras, sempre distantes, contudo. Estes períodos de consternação eram freqüentes, cortando o seu modo de ser natural, alegre e folgazão.

Único homem; sete mulheres em casa! Foi um raio de luz o saber que, destas, cinco eram dismenorréicas e que o pobre homem marcava cuidadosamente no relatório, a cruces de tinta, as épocas de todo aquele mundo feminino! E, imediatamente, reconstitui, no meu espírito, o drama da sua negra vida de varão em casa mulheril!

Quão poucos dias lhe ficariam livres no mês, a êle, dos transtornos delas!

Quão freqüentes, mesmo, seriam os dias em que a interferência das épocas respectivas faria com que, sobre aquele alvo preferencial e único masculino, incidissem os fogos vivos e convergentes dos maus humores das damas!

Como não achar justificado o pensamento de pôr o Atlântico de permeio, para ficar fora do alcance daquelas colubrinas?!

Não havia que ver! A dismenorreia era, também, causa da sua doença, dêle!

Como era de esperar, o chá de canela, em uso intensivo e extensivo, dando pronto remédio às crises das mulheres, restituiu ao homem uma tranqüilidade merecida!...

Breve deixou êle de marcar quási todos os dias do mês com pedras negras, o calendário deixou de fazer lembrar um

cemitério cristão; e o homem apareceu no seu natural prazenteiro, em tôda a sua pujança, sem mais constantes interrupções de desalento, sem mais ideas tristes de morte, sem mais tendências de emigração para longínquas paragens!

Abençoada canela! Abençoado cinamomo!...

*

Um dia, procurou-me um casal. O homem chamava-se Pereira, um nome vulgar que não diz nada. A mulher chamava-se Praxedes, um nome raro, que diz tudo...

E, realmente, era a senhora Praxedes quem tudo dizia. O senhor Pereira limitava-se a abundar, e tão abundantemente o fazia que, por vezes, já acenava afirmativamente, com a cabeça, antes de traduzidas em palavras as opiniões da consorte!

Trazia-os até a mim o empenho de substituírem um rendeiro vizinho dêles com quem tinham discordâncias. Não acedi; mas apreciei a facúndia da mulher, a substanciosidade dos seus conceitos, o interêsse dos seus argumentos, o oportuno das suas entonações, a compostura do seu gesto.

E lá foram. Ela com uma última palavra conceituosa; êle com um último concordante aceno...

Algum tempo depois, soube que tinha havido conflito, por causa das terras, entre o senhor Pereira e um amigo dum lado, e o vizinho e dois parceiros do outro.

E, pelo que me contaram, a senhora Praxedes foi grande, nesse dia!

Ó! quem me dera ter «mente às musas dada», para a poder cantar em grande verso heróico! Como eu desejaria que uma epopeica aragem perpassasse, ao menos, no meu dizer prosaico!...

Estava, ao que ouvi, já mal parado o senhor Pereira, e perdia terreno o seu partido, quando a espôsa, guiada por

Minerva, surgiu no campo da peleja. E, então, logo mudou a sorte das armas! Pois ela

«Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande mêdo».

Nos corações dos contrários; assim hão-de entender-se, aqui, os versos de Camões!

Com efeito, a simples animação da sua voz susteve o recuo dos partidários. E, quando, juntando ao calor do discurso a intrepidez do exemplo, carregou, de tamanco alto na dextra, acometendo o centro inimigo, êste, representado (ó! Justiça Imanente!...) por um mancebo que usava criticar o senhor Pereira como submisso à espôsa, sente, de enfiado, que

«O temor grande o sangue lhe resfria»,

hesita, volve costas, e desfere em desabalada fuga!

A indumentária do sexo não deixava, à valerosa Praxedes, probabilidades de alcançar na carreira quem tão ligeiro fugia. Mas, transformando o seu braço em arma de arremêso, e o tamanco em projectil, atingiu, com mão certa e vigorosa, a nuca do fugitivo. Ao tempo, tropeçava êste, e, atordoado da queda e da pancada, logo beijava o pó do campo da batalha!

Estava ganha a vitória! Mas a magnânima Praxedes, se sabia vencer, não sabia abusar do triunfo! A sua alma valente era generosa e aberta; era branca e lavada como uma toalha de altar! Por isso, preste acudiu ao inimigo, agora inerte, deitando-lhe ao rosto um pouco de água colhida no tamanco, já pacífico. E, quando os homens se achegaram, dado por findo «o bélico exercício», cada qual recolheu ao respectivo acampamento...

Ao haver notícia da épica jornada, em que a Glória com louros lhe cingira a fronte altiva, engrandeceu-se no lugar,

e até muito em redor, a fama da émula de Ana Brites, da qual ela mereceria ter provindo, em linha recta, feminina e sempre pura! E, quando, volvidos dois dias sôbre a própria derrota, o mancebo appareceu no tribunal, para se queixar das contusões sofridas, logo ali houve quem lhe mostrasse a minguada elegância do seu gesto, contra aquella que o vencera, com tanta bizzarria, em combate leal em campo raso, à luz do «claro sol, amigo dos heróis», e não em escura e traiçoeira pugna de emboscada! E o mancebo desistiu de chamar, para os seus inglórios galos, a atenção da Justiça humana!...

Quanto a mim, ao saber do feito da illustre espôsa do senhor Pereira, subiu de ponto a minha consideração por aquella mulher rara, e proclamei, entusiasmado, que «ainda havia portuguesas!» Relembrando o aprumo da sua apresentação, a facilidade do seu verbo, o valor da sua dialéctica, a sua altiveza com os soberbos, a sua generosidade com os fracos, «ei-la», disse eu comigo, «é esta a Mulher Forte da Escritura!» E, logo, pensando no senhor Pereira, digno mas incerto, bem intencionado mas sem Norte, assentei em que êle tinha encontrado a mulher que lhe convinha, para, com suavidade mas firmeza e com a certeza de uma bússola, o guiar por entre os escolhos da existência! Não sofria dúvida: todo o Olimpo havia sido propício, havia voltado para aquele homem a face benévola e amena no dia do himineu! Por isso, pensando nesse mimoso dos Deuses, dizia eu mentalmente: «*Tu felix, Pereira; tu felix!*...»

Já se vê, pois, que foi com deferência que me informei da senhora Praxedes, quando, tempos passados, tive occasião de encontrar o senhor Pereira. E, desolado, ouvi, do desolado homem, que ia mal ela e, portanto, tudo ia mal em casa, onde ela dava a chuva e o bom tempo!

Como eu estranhasse o abatimento em que o via, aquele homem estimável, então, desabafou.

A senhora Praxedes era uma mulher virtuosa, uma dona de casa inexcedível, um poço de bom senso, um modêlo de mulher, emfim! O seu atilado conselho, as suas sábias determinações eram sempre de seguir e eram realmente sempre seguidos. A casa prosperava por ela dirigida. E, se não fôsem cinco dias em cada mês, jámais teria tido o senhor Pereira ideia de maldizer, e só abençoaria, o dia já distante em que ela o levara à Igreja!...

Mas a senhora Praxedes tinha de pagar a pensão do seu sexo; estava sujeita às suas luas! Ora, nas crises mensais, transtornava-se-lhe o trato, o seu claro espírito perdia em lucidez, as suas ordens apareciam absurdas, contraditórias, impossíveis de cumprir; e o infeliz marido, aí por volta do terceiro dia (o do acme ou fastúgio dos transtôrnos), o senhor Pereira, não se atrevendo a queixar-se dela, queixava-se amargamente de si próprio, de ter nascido, de ter vindo a êste mundo de desgraça!

Precisamente nesse dia em que estavam, o terceiro de uma das crises, acontecera uma coisa triste. O gato familiar, que justamente grangeara, nas redondezas, a fama de ser o melhor caçador e a melhor garantia do celeiro dos seus amos contra a invasão de indiscretos roedores, não recebera, com aquela conformidade de que o senhor Pereira dava o exemplo, uma admoestação, porventura injusta, da dona; e, como desse a perceber que usava unhas, logo aquela, acesa em ira, o acometera. A senhora Praxedes colhera, no prélio, fartas arranhadelas; mas o bicho ficara literalmente demolido, pela acção contundente do tamanco fatal! Receiava-se pela sua vida; e o senhor Pereira, lamentando de antemão o passamento do conceituado felino, lamentava também o pesar da própria senhora Praxedes, quando ela voltasse, passada a tormenta da crise, à bonança da normalidade! Ia ser uma descida da cruz!... No entretanto, êle, Pereira, entendera executar uma retirada estratégica e, sobretudo, pru-

dente! Por isso, viera andando, a arrastar o seu abatimento aos indecisos raios de sol moribundo de um dia melancólico de outono... E assim o encontrava eu, ali, derreado e sem ânimo!

A tristeza do ambiente, *lacryma rerum*, e a do senhor Pereira entraram também de entristecer-me, a mim. Reagi, contudo!

Lembrei-me de perguntar se nunca tivera a ideia de uma ida até ao Brasil. Já tivera; mas as viagens eram agora tão caras que não podia pensar-se mais nisso! No que pensava muito seriamente era na viagem ao fundo de um poço, que lá tinha, num prédio! O bom do homem contentava-se em ir mais perto, pois! O poço não chegaria aos antípodas, por certo; mas era suficientemente profundo para dar remédio aos seus pesares e pôr fim às suas tribulações!...

Animei o homem! Procurei levantar-lhe o espírito! Recomendei-lhe o uso do cházinho de canela, dizendo-lhe das suas virtudes, excelentes!

Ouviu-me desconfiado. Argumentou que não havia tratamento possível. Já tinham experiência infrutífera de quanto remédio lhes tinham recomendado as pessoas conhecidas. Já tinham, mesmo, consultado, sem proveito, os médicos da cidade, que, como eu sabia, eram muito entendidos (não desfazendo...). Não conseguia acreditar que a cura, para os males da senhora Praxedes e para os seus próprios tormentos, a tivessem, desde sempre, em casa, dentro de uma lata, a que ela recorria anualmente, para desenhar as iniciais entrelaçadas de ambos, num arroz doce comemorativo do dia do seu enlace!...

E lá foi, de volta a casa — lento, acabrunhado e triste, imagem viva do desalento em marcha!...

Um ano depois, por um claro meio-dia, vi caminhar para mim o senhor Pereira. Fazia-se acompanhar de muito saúdar,



com que me honrava a digna consorte, e de um cabrito de oferenda.

Regosijei-me de o ver tão florescente, com o prazenteiro rosto rubicundo, e os raios do sol glorioso a reflectirem-se lhe na aljofrada fronte, como que a nimbá-lo de uma auréola de esplendor!

Bebido um copinho de aguardente, para evitar o resfriado à sombra, com uma suspeita de lágrima de reconhecimento no olhar enternecido, o senhor Pereira informou-me de que a senhora Praxedes me devia a saúde, e êle... a vida!

Penhorado e modesto, aventei que seria exagêro dêle. Mas, como, um tanto comovido, eu lhe estendia a mão, para renovar o cordeal aperto, tive que, apressado, retirá-la, com a impressão, illusória talvez, mas bem sentida, de que o honrado homem esboçara uma tentativa para levar o dorso da minha dextra até ao seu lábio agradecido!

A canela, uma vez mais, produzira os seus benéficos efeitos! Uma felicidade sem nuvens acompanharia, de então em diante, aqueles bem-casados, até à morte, por certo ainda distante! Agora sim; agora com verdade, podia eu já dizer: «Tu és feliz, ó Pereira; tu és feliz»!

E foi, então, que eu, definitivamente, resolvi que tinha um dever a cumprir: o de levar até onde me fôsse possível a apologia da canela, preconizando o salutar infuso!

*

* *

Para melhor me desempenhar dêsse dever, desejaria eu não só apontar o facto, mas saber explicar-lhe, miúda e claramente, as causas; não apenas elogiar a canela benéfica, mas ainda pôr em foco o seu mecanismo de acção.

Baldado empenho!

Falei com colegas, consultei sumidades, ouvi especialistas. Nenhum tinha a noção da canela sob o aspecto excelente que eu aqui evoco. E, nos livros de ciência hodierna, não encontrei também informes úteis!...

Entre as causas de dismenorrea, citaram-me a angústia do colo uterino como das mais predominantes para o efeito da eclosão das dores menstruais. Mas não vi que à canela fôsem atribuídas propriedades de anti-espasmódico uterino. E até logo me veio á ideia que a canela é tida popularmente por abortiva, pelas mesmas razões, por certo, que a faziam recomendar, antes de a cravagem de centeio ter entrado em uso, como oxytóxico, contra a inércia uterina, e, como hemostático, contra as hemorragias internas, especialmente metrorragias puerperais e post-abortivas, por se lhe supor acção de estimulante e constritor! Terá a canela esta acção no corpo uterino e a de anti-espasmódico no colo? Nada sei, a não ser que os efeitos da canela são por igual salutaes na fase premonitória, que precede o estabelecimento do fluxo, é na fase do sangramento estabelecido; isto é, tanto no período de secreção como no período de excreção, para usar de uma linguagem de comparação um tanto livre, que por mim não foi inventada.

A acção analgésica da canela nada parece ter, portanto, com a acção eventualmente hemostática que à canela se queira reconhecer.

Dado que os coévos não me elucidavam, lembrei-me de recorrer aos antigos, atendendo à antigüidade que mostrava dever atingir, através as gerações passadas, a experiência do ancestral infuso.

Ainda me ocorreu que, talvez, o vernáculo Camilo tivesse procurado para mim, e, por intermédio de Eusébio Macário, alguma coisa me dissesse sôbre as virtudes da canela, que eu celebrou. E, logo, me lancei a reler-lhe a prosa tersa. Mas Macário foi mudo sôbre o ponto!...

Resolutamente, entrei, então, de sacudir a poeira dos tempos, nas velhas estantes, a pesquisar nos dizeres bafientos de respeitáveis volumes, a embrenhar-me, a perder-me, no latim venerável dos alfarrábios vetustos!

Mas nem na leitura dos autores do século passado, nem na dos escritores do século XVIII, nem na dos médicos do século de seiscentos, encontrei apreciável elucidação, que me habilitasse a acrescentar, perante vós, Senhores, qualquer explicação cabal!

É certo que, remontando ao século XVIII, e mesmo ao princípio do século XIX, encontramos que a canela, usada ainda então com uma frequência que ulteriormente se haveria de perder, é indicada, por vezes, como tendo, entre outras, propriedades de emenagogo. Mas não deixam alguns de criticar tal opinião, argüindo de, apenas, pretendidas tais propriedades, ou, pelo menos, secundárias, e dependentes indirectamente do verdadeiro e fundamental efeito, de estimulante e tónico, da canela.

Como melhor se poderão relacionar logicamente, e sem contradição, as opiniões que apontam a canela como emenagogo com aquelas que a apontam como hemostático uterino é, com efeito, ligando a uma acção estimulante e tónica tais virtudes emenagógicas, só manifestáveis a longo prazo, pelo levantamento do estado geral da pessoa. Porque, então, essa acção tónica e estimulante dum tratamento demorado não tem de ser chamada a desmentir a possibilidade do efeito da canela, como excitante de momento, sobre a fibra uterina e sobre os vasos, diminuindo e sustando hemorragias.

Mas o efeito da canela que me ocupa, o de sedante da dor com melhoria pronta do estado psíquico, não se me afigura que se exerça por intermédio de acção sobre a abundância do fluxo. Antes se me afiguram esses resultados benéficos como consequência de acção directa sobre as manifestações e o estado nervosos.

Ora, no que diz respeito às vantagens da canela sob êste ponto de vista, ainda mais omissos são os autores.

Apenas no «Desengano para a Medicina ou Botica para todo o Pai de Famílias, por Gabriel Grislei, médico alemão, impresso em Lisboa em 1690», encontro uma referência interessante ao «*Laurus Alexandrinus*», do qual «uma oitava de pó bebida em vinho doce ou água de canela facilita o parto e faz deitar as páreas e tomada em vinho quente sara a insofrível dor da madre».

Esta passagem que me foi apontada pelo meu illustre Mestre e amigo Dr. Santos Viegas, a quem devo a benemerência de, para me obsequiar, pesquisar na sua valiosa biblioteca, refere-se ao «*Laurus Alexandrinus*», loureiro de Alexandria, e não ao «*Laurus Cinnamomus*», ou canela. É possível que o parentesco que existã entre os dois loureiros alguma coisa torne de atender a citação do primeiro para a dor da madre, sendo certo, também, que muito se esperava da sua acção sôbre a fibra uterina para acelerar o parto e a dequitadura, para o que, aliás, se sugeria a associação com a água de canela. Mas, ainda aqui, nada adiantamos quanto à explicação do mecanismo, à razão do efeito benéfico do próprio loureiro de Alexandria sôbre a dôr, se é que, na hipótese, êsse efeito é realmente de valor, como o autor indica...

Atendendo ao grande número de causas diversas de dismenorreia e à constância de efeitos úteis do infuso de canela sôbre a dor, por igual antes do fluxo e durante êste, quasi me sinto tentado, para explicar tais efeitos, a exhibir um esbôço de teoria, sem consideração por eventuais virtudes hemostáticas ou emenagógicas.

Mas, não! Não o farei, que não me atrevo a tanto! E o tempo é pouco; e a vossa paciência, senhores, não pode ser inexaurível!

Eis porque me hei-de limitar a apontar a eloquência dos

factos, dos resultados excelentes que o infuso de canela nos faculta!

E faço votos para que isso baste para fixar a vossa douta atenção sôbre o importante assunto.

Sôbre o infuso de canela, digo eu...

Com efeito, nunca me lembrei de experimentar a canela sob outra forma que não aquela que me foi revelada. E porque nunca de tal me teria eu lembrado?

Talvez porque o infuso seja de eleição para as substâncias aromáticas?...

Talvez porque a acção do calor, internamente também, não seja de desprezar no tratamento das dores abdominais?...

Talvez porque o fabrico de um chá de canela esteja ao alcance fácil de qualquer dona ou de qualquer donzela, sem receio de ter de publicar o seu estado e sem necessidade de recurso a médica receita?...

Talvez porque, com a agradável bebida, se satisfaça mais cabalmente ao preceito «*cito, tuto et jocunde*», tão de louvar?...

Talvez porque a maneira de infusão, entre tôdas delicada e gentil, deva ser grata aos deuses, para os quais, propiciante e hiératica, se evola e ascende com um perfume discreto?...

Talvez porque a minha constância no preconizar a fórmula hereditária equivalha a queimar um grão de incenso votivo perante o altar das antepassadas, honrando filialmente, assim, essas respeitadas damas?...

Só agora penso em quais poderiam ter sido as razões operantes em mim, sem uma clara consciência minha! Mas o conjunto de razões que avento, agora também, me aparece como amplamente bastante para que, ainda de futuro, eu, indefectivelmente, permaneça fiel ao familiar sistema. Outros que o modifiquem e procurem melhorar, se assim o enten-

derem. Que eu ficarei leal até à morte ao velho, ancestral processo, que há quinze anos preconizo, sem dêle ter sofrido um único desgosto!

E vou concluir!

Ao atilado senso médico, apurado na vossa larga prática de abalizados clínicos, ao vosso esclarecido critério de homens sabedores, eu deixo, ó colegas, bem entregues as considerações que faço!

Recomendai, senhores, a canela de Ceilão, o bíblico cinamomo, o cinamomo da Taprobana distante!

Combatei, assim, a dismenorrea inimiga, que dá, às mulheres, a dor, e, aos homens, o insossêgo!

E haveis de colher as bênçãos das mulheres e as dos homens e tereis concorrido para a felicidade da grei!

Essa será a recompensa única, meus presados Colegas, para a benevolente atenção com que honrásteis uma palestra que só a vossa generosidade poderá gratificar com o título de conferência; a única recompensa (e oxalá que a acheis bastante!) para a vossa condescendência em aceitar a sugestão que eu me permito fazer-vos, ao tratar, aqui, neste serão de inverno, sem pretensão e sem arte, da «Influência do *Laurus Cinnamomum* na harmonia dos sexos»!

Disse.

*

* *

NOTA. — Ao meu prezado e distinto colega Dr. Maximino Correia, que honrara com a sua assistência a minha fala sobre a canela, fiquei, alguns dias depois, gratamente devendo a amabilidade da seguinte citação dum fragmento dos «*Coloquios dos Simples e Drogas*», por Garcia de Orta, referente ao «*Coloquio da Canela; XV*»:

«He muyto gentil mézinha pera o estomaguao, e pera tirar

a dor da cólica, que é procedente de causa fria; porque tira a dor de improviso, como eu muitas vezes vi» (1).

Se eu tivesse conhecimento anterior destes dizeres do illustre scientista do século de quinhentos, não deixaria de ter pôsto em merecido relêvo não só a afirmação de que a canela tira a dor da cólica (apesar de, provavelmente, não ser a dor menstrual visada intencionalmente pelo autor), como também, e sobretudo até, a afirmação de que «tira a dor de improvisó». Pois que, aqui, encontro flagrantemente apontado um dos característicos que tenho por mais interessantes no modo de actuar do infuso de canela — a constante rapidez (que freqüentemente se poderá chamar instantaneidade) do seu efeito no debelamento da dor menstrual.

Será muito de estimar que não só na dor menstrual, como em tôda e qualquer dor abdominal, a que no sentido mais lato e extensivo se possa chamar *cólica*, a canela dê os resultados óptimos que tenho observado para aquela. Mas não possuo, por ora, prática que me permita apresentar opinião directa sôbre o ponto.

(1) Pág. 213 da reimpressão revista e anotada pelo Conde de Ficalho; edição da Imprensa Nacional, de 1891.





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329678875

